

# “[...] vá e honre os verdadeiros homens sanctos, será um herói, será o herói”: incitação ao terrorismo em comentários na *Dark Web* pelo viés da Metalinguística e da Criminologia Cultural

*“[...] go and honor the true holy men, you will be a hero, you will be the hero”: incitement to terrorism in comments on the Dark Web from the perspective of Metalinguistics and of Cultural Criminology*

Marcos Alexandre Fernandes Rodrigues<sup>1</sup>

**Resumo:** A circulação de discursos de ódio na *Dark Web* tensiona direitos humanos e fundamentais, sobretudo o direito à vida, à igualdade e à liberdade, na medida em que fóruns como o Dogolachan se constituem como espaços de legitimação da violência. A radicalização assume a forma de rituais de iniciação e pertencimento, em que o massacre escolar é simbolizado como ato de purificação, heroísmo e performance subcultural. Este artigo tem como objetivo analisar dois comentários publicados no fórum da organização brasileira Dogolachan na *Dark Web*, a fim de compreender como os locutores expressam relações hierárquicas de poder e legitimação da violência em sua subcultura. O aporte teórico baseia-se no diálogo entre a Metalinguística e a Criminologia Cultural. A abordagem metodológica tem como critérios de seleção dos comentários: i) incitação ao terrorismo; ii) atualidade histórica; iii) potencial analítico-interpretativo. Os resultados indicam que, na subcultura extremista do fórum, o terrorismo é glorificado como ato heroico, e sua realização, para além das ameaças, eleva o sujeito a uma posição hierarquicamente superior nas relações de poder. Logo, realizar o “Actum Sanctum” (ato sagrado) significa se tornar um justiceiro-mártir contra “putas”, “gays” e “traficantes” da escola.

**Palavras-chave:** Metalinguística; Criminologia Cultural; Dogolachan; *Dark Web*; Massacres escolares.

**Abstract:** The circulation of hate speech on the Dark Web undermines human and fundamental rights, especially the right to life, equality, and liberty, to the extent that forums like Dogolachan constitute spaces for the legitimization of violence. The radicalization takes the form of rituals of initiation and belonging, in which the school massacre is symbolized as an act of purification, heroism, and subcultural performance. This article aims to analyze two comments published on the forum of the Brazilian organization Dogolachan on the Dark Web, in order to understand how the speakers express hierarchical relations of power and the legitimization of violence in their subculture. The methodological approach uses the following criteria for selecting comments: i) incitement to terrorism; ii) historical relevance; iii) analytical-interpretative potential. The results indicate that, in the extremist subculture of the forum, terrorism is glorified as a heroic act, and its realization, beyond threats, elevates the subject to a hierarchically superior position in power relations. Therefore, performing the “Actum Sanctum” (sacred act) means to become a vigilante-martyr against the school's “whores”, “gays” and “drug dealers”.

**Keywords:** Metalinguistics; Cultural Criminology; Dogolachan; Dark Web; School massacres.

<sup>1</sup> Doutorando em Letras na área de Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3858818733075901>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9695-229X>. E-mail: rodmaf2@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## Introdução

A circulação de discursos de ódio e de incitação à violência em fóruns da *Dark Web* (Internet Obscura) tensiona direitos humanos e fundamentais<sup>2</sup>. Fóruns como o da organização brasileira Dogolachan<sup>3</sup>, hospedados sob anonimato, funcionam como espaços discursivos em que a vida, a igualdade e a liberdade são relativizadas em nome de provas de pertencimento e lealdade ao glorificar massacres escolares. Por meio dessa radicalização, discursos que reinterpretam homicídios em massa são mobilizados para consolidar a coesão social dessa subcultura.

O anonimato garantido por tecnologias como o Tor, somado à ausência de moderação, contribui para que comentários extremistas se desloquem da *Surface Web* (Internet da Superfície) para a Internet Obscura (Jardine, 2019). Ainda que esse campo digital possa ser utilizado para fins legítimos, como a proteção de jornalistas ou ativistas, também abriga práticas de violência e de incitação a crimes (Kaur et al., 2023). Nesse horizonte, massacres como os de El Paso em 2019, antecedidos por manifestos, materializam o potencial destrutivo da radicalização online que se expande para além do digital e se concretiza em eventos de violência letal (Jakubowicz, 2017).

Nesse contexto, o objetivo é analisar dois comentários publicados no fórum da organização brasileira Dogolachan na *Dark Web*, a fim de compreender como os locutores expressam relações hierárquicas de poder e legitimação da violência em sua subcultura. Esta pesquisa se justifica por três motivos: 1) relevância social e jurídica, porque é essencial para explicar como discursos de ódio desafiam direitos humanos e fundamentais; 2) aporte teórico interdisciplinar, pois a integração entre Metalinguística e Criminologia Cultural oferece uma abordagem teórica, analítica e interpretativa diante das relações hierárquicas de poder expressas em atos de linguagem como comentários; 3) impacto prático e preventivo, uma vez que assimilar os mecanismos de incitação à violência possibilita o desenvolvimento de estratégias de monitoramento e prevenção de crimes, especialmente massacres escolares.

<sup>2</sup> Os direitos fundamentais encontram-se positivados na ordem constitucional interna, a exemplo dos artigos 5º a 17 da Constituição Federal de 1988. Por sua vez, os direitos humanos estão consagrados em instrumentos da ordem internacional, como tratados e convenções. Alguns direitos, como o direito à vida, à igualdade e à liberdade, são simultaneamente fundamentais e humanos, refletindo sua proteção em ambas as esferas.

<sup>3</sup> Segundo Rodrigues (2023b), “Dogolachan” está além de um mero fórum: é uma organização que possui relações com os massacres escolares de Realengo e Suzano, visto que, na interação entre membros, fornece manuais de como invadir instituições de educação. Em sua pesquisa, o autor analisou comentários dessa organização relacionados à negação da pandemia, ao estupro de vulnerável, ao estelionato, ao terrorismo, ao racismo e à misoginia.

O referencial teórico propõe uma interface entre Metalinguística de Bakhtin (2018 [1929]), Medviédev (2016 [1928]) e Volóchinov (2018 [1929], 2019), já que subsidiam o estudo da linguagem e do discurso, e Criminologia Cultural de Khaled Jr., e Dimou (2022), Khaled Jr, Linck e Carvalho (2022), Rocha e Silva (2014), Rocha (2013), dado que amparam o estudo do fenômeno criminoso pelos níveis fenomênico, subcultural e estrutural. Em colaboração, convocam-se Jani et al. (2024), Jakubowicz (2017), Jardine (2019), Kaur et al. (2023), tendo em vista que sustentam esta pesquisa em torno do campo digital da *Dark Web*.

A aproximação interdisciplinar entre Metalinguística e Criminologia Cultural torna-se necessária porque o fenômeno analisado consiste em comentários produzidos por uma subcultura criminosa na Internet Obscura, nos quais a prática criminal se materializa discursivamente. A Criminologia Cultural possibilita compreender o crime como performance simbólica, vinculada à produção de sentidos, hierarquias e formas de pertencimento subcultural, enquanto a Metalinguística permite analisar como essas relações se concretizam em enunciados concretos que legitimam a violência e estabelecem relações de poder entre os membros do fórum.

A metodologia adota as orientações de Rodrigues (2023a; 2023b; 2024; 2025) ao investigar, coletar, analisar e denunciar os comentários. Nessa linha, identificou-se a orientação ideológica da organização Dogolachan. Para observar, não houve qualquer interação entre pesquisador e membros, levando em consideração sua relação com massacres escolares. Escolheu-se registrar os comentários com o software *OBS Studio*, a fim de resguardar a fidedignidade do corpus. No fim, protocolou-se uma representação criminal ao Ministério Público Federal (MPF) no início de 2025.

Para esta pesquisa, estes foram os critérios de seleção: 1) incitação ao terrorismo; 2) atualidade histórica; 3) potencial analítico-interpretativo. Os critérios de seleção definidos se balizam diante de atentados escolares constitutivos do contexto nacional, como Rio de Janeiro (2011, RJ), Suzano (2019, SP), Aracruz (2022, ES), Vitória (2022, ES), Sapopemba (2023, SP), Estação (2025, RS), entre outros. Os comentários foram publicados, respectivamente, em 24 de fevereiro e 12 de abril de 2025. Já o potencial analítico-interpretativo assegura que os comentários sejam lidos para além da violação do direito penal, haja vista que se constituem como um fenômeno cultural, histórico e de linguagem, parte de uma subcultura criminal que expressa uma estrutura social.

Por fim, apresentam-se as seções desta pesquisa, além da Introdução e das Considerações Finais. A primeira seção, “Pressupostos da Metalinguística: o discurso como fenômeno dialógico e social”, pretende discutir os fundamentos da abordagem metalinguística do discurso. Em seguida, a seção “Pressupostos da Criminologia Cultural: o crime como fenômeno cultural e histórico” visa a explorar os fundamentos criminológicos da cultura. Por último, a seção “O terrorismo simbolizado como ato heroico: Metalinguística e Criminologia Cultural na análise de comentários da *Dark Web*” tem como finalidade contextualizar a Internet Obscura e analisar os comentários selecionados sob as lentes das abordagens teóricas.

### **Pressupostos da Metalinguística: o discurso como fenômeno dialógico e social**

A Metalinguística, tal como delineada por Bakhtin (2018 [1929]), propõe um estudo do discurso em sua integralidade concreta e viva, distinguindo-se da abordagem da linguística positivista que abstrai certos aspectos da vida do discurso para fins metodológicos. Enquanto a linguística examina a linguagem como sistema e suas unidades – palavras, morfemas, orações –, as “[...] relações dialógicas (inclusive as relações dialógicas do falante com sua própria fala) são objetos da metalinguística” (Bakhtin, 2018 [1929], p. 208). Logo, concentra-se nos aspectos do discurso que ultrapassam esses limites, abrangendo a comunicação dialógica e as relações de posição presentes em cada enunciado.

Uma das noções centrais da Metalinguística é a de “relações dialógicas” (Bakhtin, 2018 [1929], p. 208) que se manifestam entre enunciados integrais e podem atravessar palavras, estilos de linguagem e até dialetos sociais. Essas relações são irredutíveis às relações lógico-semânticas da língua e só se concretizam quando se tornam discurso, ou seja, quando adquirem autoria e posição semântica específica. Cada enunciado expressa uma posição de seu autor e cria possibilidades de resposta e reação dialógica por parte de outros sujeitos. Assim, a comunicação dialógica constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem e impregna toda a atividade discursiva, seja cotidiana, científica ou artística.

A Metalinguística, ao estudar a vida concreta do discurso, reconhece que o enunciado é um fenômeno histórico e socialmente situado. Medviédev (2016 [1928]) enfatiza que a simples análise linguística das palavras e das estruturas gramaticais não é suficiente para interpretar o funcionamento do discurso: é necessário recorrer à

valoração social que transforma as possibilidades abstratas da língua em fatos concretos da realidade discursiva. A valoração social permite explicar por que determinadas palavras e combinações gramaticais são escolhidas em contextos específicos e demonstra como o enunciado se organiza em função das relações sociais e das condições históricas dos grupos que o produzem.

Mesmo que esses grupos sociais compartilhem o mesmo léxico e as mesmas regras gramaticais, as palavras adquirem novos sentidos, valores e hierarquias em cada enunciado, de acordo com as premissas socioeconômicas e culturais que fundamentam suas vidas (Medviédev, 2016 [1928]). Assim, a valoração social atua como mediadora entre a língua enquanto sistema abstrato e o enunciado como realidade concreta, com o fim de orientar tanto a seleção das formas linguísticas quanto a construção dos sentidos. Mesmo o enunciado interno, ou fala interior, é atravessado por essa orientação social, pois se dirige a um auditório hipotético.

A perspectiva de Medviédev (2016 [1928]) evidencia que cada enunciado é inseparável do sentido e da realidade que o atravessa, visto que a valoração social é o elemento que organiza a comunicação social. Dessa forma, a análise metalinguística deve considerar a materialidade do enunciado e sua função social e histórica, permitindo explicar como discursos constroem sentidos, legitimam posições de poder e produzem coesão interna nos grupos que os circulam.

Em continuidade, Volóchinov (2019) observa que todo discurso é dialógico, orientado para outra pessoa, para sua compreensão e resposta real ou possível, e que essa orientação depende inevitavelmente das relações sócio-hierárquicas entre os interlocutores. A posição social do locutor e do interlocutor, bem como as condições concretas do enunciado – incluindo fatores como classe, profissão, título ou capital – influenciam a forma e o conteúdo. Assim, o enunciado deve ser entendido como ato social situado, cuja significação se constrói a partir do contexto de interação e das hierarquias presentes no auditório.

A orientação social do enunciado, portanto, é uma força organizadora que articula a forma e o conteúdo com o contexto social em que ocorre. Volóchinov (2019) enfatiza que o sentido de um enunciado vai além do dito, uma vez que engloba subentendidos e o horizonte semântico compartilhado pelos interlocutores. Esses elementos implicam que a compreensão do discurso requer a apreensão das relações de poder que permeiam o ato de linguagem, isto é, das expectativas e respostas do auditório que (con)formam o

modo como o enunciado se realiza e é interpretado. Dessa forma, o enunciado é um espaço de negociação social e de circulação de valores e sentidos.

Como parte disso, o signo ideológico<sup>4</sup>, nas formulações de Medvídev (2016 [1928]) e Volóchinov (2018 [1929]), manifesta-se em múltiplas materialidades – verbal, vocal e visual – e constitui-se sempre de um processo semântico-axiológico. Nesse horizonte, o signo cumpre uma dupla função: de um lado, o reflexo linguístico que projeta o significado de acordo com as convenções do sistema da língua; de outro, a refração discursiva, pela qual esse significado se reorienta em sentidos concretos situados em contextos sociais e históricos específicos. Essa refração demonstra que a produção de significação não é neutra nem transparente, mas antes objeto de permanente disputa ideológica. É nesse embate que diferentes hierarquias de poder – como o heteropatriarcalismo, o racismo e o capitalismo – se inscrevem e se atualizam na linguagem, fazendo do signo o lugar privilegiado em que se conflitam as tensões sociais. Assim, cada enunciado não apenas reflete uma realidade, mas refrata essa realidade a partir das posições axiológicas de quem o produz e das forças sociais que o atravessam.

Logo, a Metalinguística fornece uma abordagem para analisar discursos como os veiculados em fóruns da Internet Obscura, em que a radicalização e a coesão de subculturas criminosas se manifestam em atos de linguagem que mobilizam enunciados carregados de valoração social e orientação sócio-hierárquica. A abordagem permite explicar como a escolha lexical, a construção sintática e a orientação para o auditório constituem práticas discursivas que reproduzem ou contestam hierarquias, consolidam identidades subculturais e legitimam ações de violência, o que oferece, assim, um quadro interpretativo para a análise dos comentários do Dogolachan.

### **Pressupostos da Criminologia Cultural: o crime como fenômeno cultural e histórico**

<sup>4</sup> Ao conceber a comunicação como o espaço do fenômeno ideológico, Medvídev (2016 [1928]) estuda que o signo não preexiste à interação social, mas nela se constitui. Quando Medvídev (2016 [1928], p. 50) afirma que “A comunicação é aquele meio no qual um fenômeno ideológico adquire, pela primeira vez, sua existência específica, seu significado ideológico, seu caráter de signo”, ele desloca o signo do plano abstrato da língua para a interação social. Essa mesma orientação teórica é aprofundada por Volóchinov (2018 [1929], p. 98), para quem “A realidade do signo é inteiramente determinada por essa comunicação”, sendo o signo a própria materialização da interação social. Em ambos os autores, portanto, o signo ideológico, além de refletir e refratar a realidade, é compreendido como um fenômeno socialmente situado, inseparável das condições históricas, sociais e valorativas da comunicação, o que fundamenta uma concepção de linguagem dialógica e ideológica.

A Criminologia Cultural é uma abordagem que pretende perceber o crime e o controle da criminalidade como fenômenos essencialmente culturais. Mais do que simples violações do direito penal, os atos criminosos e as práticas de repressão que lhes correspondem são produtos simbólicos e criativos, carregados de significados que ultrapassam tanto o reducionismo jurídico-penal quanto as explicações puramente estruturais. Nesse sentido, como destacam Khaled Jr., Linck e Carvalho (2022), tanto o crime quanto o seu controle devem ser lidos como construções culturais, constituídas por performances, linguagens, estilos e símbolos que traduzem tensões sociais mais amplas.

A perspectiva cultural exige que o pesquisador rastreie os significados do fenômeno criminoso em três níveis interdependentes: o plano fenomenológico (micro), a dimensão subcultural (meso) e o contexto estrutural (macro). Cada um deles contribui para um entendimento mais amplo do crime, de modo que sua análise isolada se torna insuficiente (Khaled Jr., Linck, Carvalho, 2022). No plano fenomenológico, estão presentes as experiências existenciais e emocionais dos sujeitos envolvidos: o risco, a excitação, a humilhação, o desejo de vingança, a indignação ou ainda a arrogância e a busca de reconhecimento. Essas emoções atravessam tanto o praticante quanto a vítima e os agentes de controle, compondo uma dinâmica intersubjetiva que se traduz na performance do crime.

Essa dimensão afetiva foi também salientada por Rocha e Silva (2014) ao sublinharem que compreender o crime implica investigar os estados emocionais de seus protagonistas, marcados por sentimentos de humilhação, excitação ou desejo de vingança. Contudo, como observam os autores, a emoção não pode ser reduzida a um elemento isolado: ela deve ser contextualizada em um horizonte social mais amplo. A dialética entre emoção, (auto)controle e transgressão se manifesta de modo característico na pós-modernidade, marcada pela busca incessante por reconhecimento (Rocha, Silva, 2014). Assim, práticas desviantes passam a funcionar como estratégias de “perda controlada de controle”, nas quais o sujeito arrisca-se justamente para afirmar-se diante da instabilidade estrutural que o circunda.

É nesse ponto que a dimensão subcultural ganha relevo. O crime, consoante Rocha (2013), pode se originar de subculturas (con)formadas por estilos, símbolos e convenções sociais próprias. Longe de serem simples desvios individuais, essas práticas compõem formas coletivas de produção de sentido, reforçando a identidade e o pertencimento dos sujeitos. As subculturas, ao mesmo tempo em que dialogam com a

cultura mais ampla, desafiam-na por meio de estéticas e linguagens próprias – códigos, gírias, imagens, vestimentas e gestos que delimitam fronteiras e sustentam o “status” marginalizado de seus membros. Nessa interação, a transgressão converte-se em experiência compartilhada, em performance estilizada que devolve ao grupo emoções coletivas e sentidos de vida que o sistema dominante tende a negar.

Essa leitura é reforçada por Khaled Jr., e Dimou (2022, p. 92), quando propõem a ideia de “vontade de representação” como chave para analisar o crime. A transgressão, nesse prisma, não é apenas uma violação legal, mas uma encenação performática, excitante e pública, mediante a qual o sujeito afirma sua masculinidade, intimida inimigos simbólicos e reivindica poder dentro de sua subcultura. Trata-se de um espetáculo produzido no interior da modernidade tardia, em meio a crises de democracia e hegemonia, no qual o crime funciona como signo de visibilidade e estratégia de empoderamento.

Contudo, a análise da subcultura não pode se desvincular do pano de fundo estrutural. Khaled Jr., Linck e Carvalho (2022) apontam que os significados do crime são também determinados por condições materiais vinculadas ao capitalismo global, à modernidade tardia e à lógica penal. Rocha (2013, p. 127) reforça esse aspecto ao distinguir entre “emoções morais” (humilhação, vingança, indignação) e “condições materiais” (classe, gênero, etnia) que se entrelaçam na gênese do fenômeno criminoso. Assim, o crime, embora estilizado e ressignificado pelas subculturas, não pode ser compreendido sem referência às desigualdades sociais, às formas de exclusão e à atuação do sistema penal que, por sua vez, deve ser interpretado como produto cultural (Rocha, 2013).

Por conseguinte, a Criminologia Cultural sustenta uma perspectiva que recusa o populismo penal<sup>5</sup> e, com ele, a hipertrofia da legislação penal para o tratamento do crime. Para Rocha (2013), trata-se de uma disciplina essencialmente interdisciplinar que recorre à sociologia, ao direito penal, à antropologia, à filosofia, aos estudos midiáticos e culturais, à geografia humana, aos estudos urbanos e aos movimentos sociais. Essa abertura

<sup>5</sup> O populismo penal pode ser definido como uma abordagem político-criminal que utiliza o discurso punitivo de forma simplista e sensacionalista, a fim de atender demandas populares por maior rigor penal, normalmente em resposta a clamores públicos por segurança. Caracteriza-se pela promoção de políticas criminais que privilegiam medidas repressivas, como o aumento de penas e a criação de novos tipos penais, sem necessariamente considerar a eficácia dessas medidas ou suas consequências sociais, visando a conquistar apoio político por meio de apelos emocionais e midiáticos.

teórica e metodológica reflete a complexidade do objeto: um crime que é simultaneamente performance individual, prática subcultural e expressão estrutural.

Nesse horizonte, as práticas desviantes revelam-se como expressões criativas que comunicam identidades e contestam hierarquias. Elas são encenações que, em muitos casos, não se explicam por critérios de nocividade, mas por relações de poder que definem o que é crime e o que não é (Khaled Jr., Dimou, 2022). Em um mundo marcado pela saturação de imagens e espetáculos, o crime torna-se uma linguagem – uma forma de inscrição no espaço social, de afirmação de pertencimento e de resistência cultural.

Portanto, analisar a subcultura criminal implica olhar para as performances que organizam emoções e estilos, para as condições estruturais que produzem desigualdades e para os significados coletivos que emergem desse encontro. A Criminologia Cultural, ao articular os níveis fenomenológico, subcultural e estrutural, oferece uma abordagem capaz de captar o crime não como simples transgressão normativa, mas como ato simbólico, criativo e dialógico com a cultura. O crime e seu controle são expressões das tensões que atravessam a modernidade tardia, de modo a demonstrar as disputas por reconhecimento, poder e identidade que marcam tanto as margens quanto o centro da sociedade contemporânea.

### **O terrorismo simbolizado como ato heroico: Metalinguística e Criminologia Cultural na análise de comentários da Dark Web**

Nesta seção, pretende-se discutir a respeito da Internet Obscura e, com esse contexto, analisar os comentários selecionados. Assim, comprehende-se que a internet normalmente acessada – Google, Youtube, redes sociais ou sites de notícias – é chamada de Internet da Superfície. Contudo, isso não é tudo: existe a Deep Web (Internet Profunda) que inclui conteúdos não acessíveis por buscadores, como bancos de dados, sites institucionais internos ou contas protegidas por senha.

Há também a Internet Obscura, que é parte da Internet Profunda, e só pode ser acessada com determinados programas, como o *Tor* (The Onion Router). Outros sistemas, como I2P e Freenet, também existem, mas são bem menos populares. O anonimato proporcionado faz desse espaço digital algo ambíguo: pode ser um refúgio para jornalistas, ativistas e denunciantes em países onde há censura, mas também um território usado para atividades criminosas.

O problema pode ser exemplificado pelo ataque em El Paso, em 2019, quando Patrick Crusius matou 22 pessoas em um Walmart no Texas. Minutos antes, ele havia publicado um manifesto racista no fórum 8Chan, inspirado em discursos extremistas que já circulavam online. Esse caso mostra como discursos de ódio, desinformação e propaganda radical podem começar na Internet da Superfície, ganhar visibilidade e, quando moderados ou retirados, migrar para a Internet Obscura – em que encontram menos barreiras para circular.

Eric Jardine (2019) divide esse processo em três etapas: 1) aparecimento, quando conteúdos radicais surgem em plataformas comuns; 2) moderação, momento em que as plataformas removem o material e os autores buscam alternativas; e 3) deslocamento, fase em que o conteúdo migra para a Internet Obscura, onde há menos controle e mais anonimato.

Pesquisadores como Kaur et al. (2023) e Jani et al. (2024) demonstram que a Internet Obscura constitui um ambiente onde diversas atividades ilegais prosperam devido à dificuldade de identificação de seus usuários. Entre os principais riscos documentados estão: o tráfico de drogas, incluindo cocaína, heroína e opioides vendidos sem prescrição; o comércio ilegal de armas, como pistolas, munição e explosivos; o tráfico de pessoas, com anúncios de exploração sexual e trabalho forçado; cibercrimes, que abrangem a compra e a venda de dados pessoais, a clonagem de cartões e a oferta de serviços de hackers; a distribuição de malware, como vírus e programas concebidos para subtrair informações ou danificar dispositivos; e o extremismo, manifestado em fóruns utilizados por grupos terroristas e neonazistas para divulgar propaganda, recrutar membros e instruir sobre ataques. Essa realidade evidencia que a Internet Obscura opera como um mercado paralelo no qual produtos e serviços ilícitos são comercializados, geralmente por meio de criptomoedas como o Bitcoin.

Um dos maiores debates sobre a Internet Obscura é o equilíbrio entre liberdade de expressão e segurança pública. Como lembram Jani et al. (2024), a mesma estrutura que protege jornalistas e dissidentes também dá espaço para discursos de ódio, exploração infantil ou propaganda terrorista. Regular esse ambiente é um desafio. Como aponta Jakubowicz (2017), a própria lógica da internet – que valoriza a liberdade, o anonimato e a pouca regulação – favorece a circulação de conteúdos nocivos.

Em razão disso, leia-se o enunciado que se apresenta a seguir:

Quadro 1. Quem sabe eu realize meu *Actum Sanctum*.

	1	Minha escola está cheia de putas, gays e traficantes. Quem sabe se ano que vem
	2	eu realize meu <i>Actum Sanctum</i> .

Fonte: Dogolachan (2025)

Pela abordagem da Metalinguística, esse enunciado não pode ser reduzido a uma simples combinação de unidades linguísticas, porque deve ser entendido como ato social concreto. Conforme Bakhtin (2018 [1929]), Medviédev (2016 [1928]) e Volóchinov (2019), todo enunciado é essencialmente dialógico, orientado para um auditório real ou possível, e atravessado pelas hierarquias sociais que organizam as relações entre os sujeitos. Aqui, o sujeito locutor, mais que descrever um ambiente escolar, refrata ideologicamente esse espaço por meio de determinadas palavras, como “putas”, “gays” e “traficantes” (linha 1), que operam como signos ideológicos. Esses signos refletem, no nível do significado, uma realidade percebida e a refratam no nível do sentido, ressignificando-a como degenerada, impura e indigna em contraste com o ato sagrado referenciado como “*Actum Sanctum*” (linha 2) que o locutor ameaça realizar.

Essa refração discursiva apresenta uma hierarquia implícita que o locutor reivindica: ele se posiciona acima da coletividade descrita, arrogando a si o direito de exercer violência corretiva ou purificadora. Essa orientação valorativa manifesta a função social do enunciado – legitimar, perante um auditório subcultural, a possibilidade de uma ação violenta. A valoração social, como observa Medviédev (2016 [1928]), é aqui decisiva: palavras ofensivas ganham peso não apenas pelo léxico, mas pelo campo axiológico em que circulam, um espaço discursivo extremista em que tais insultos são reforçados, replicados e valorizados como expressões de autenticidade e poder.

A Criminologia Cultural complementa essa leitura ao demonstrar que o enunciado deve ser compreendido como performance simbólica, situada no entrecruzamento dos planos fenomenológico, subcultural e estrutural (Khaled Jr., Linck, Carvalho, 2022). No nível fenomenológico, o comentário carrega uma carga afetiva de humilhação e indignação. A escola – instituição de socialização – é ressignificada como lugar de decadência, povoado por “inimigos” simbólicos. Essa percepção mobiliza emoções intensas, como ressentimento e desejo de vingança, que, conforme Rocha e Silva (2014), são centrais na constituição da experiência criminosa contemporânea.

No plano subcultural, o enunciado opera como marcador identitário que valoriza a violência como espetáculo e forma de reconhecimento. A menção ao “*Actum Sanctum*”

(linha 2) inscreve o locutor em uma estética compartilhada, em que massacres escolares e atentados são ressignificados como rituais de purificação ou de glória. Como observa Rocha (2013), a subcultura oferece um repertório de signos, estilos e símbolos, pelo qual legitima a transgressão como linguagem coletiva. Nesse sentido, a ameaça velada não é dirigida apenas ao ambiente escolar, e sim, sobretudo, ao auditório do fórum da organização Dogolachan que reconhece nesse gesto uma afirmação de masculinidade, poder e pertencimento. Trata-se, como sugerem Khaled Jr., e Dimou (2022), de uma “vontade de representação”: o desejo de encenar, no campo simbólico, um ato que projete visibilidade e intimidação.

Desse modo, no plano estrutural, a ameaça refrata tensões mais amplas da sociedade contemporânea: os signos “putas”, “gays” e “traficantes” (linha 1) não são meras ofensas casuais, mas condensam ideologias dominantes que perpetuam desigualdades sociais, de gênero e econômicas na modernidade tardia. O signo “putas” evoca uma misoginia estrutural enraizada no patriarcado, em que a sexualidade feminina é estigmatizada como ameaça à ordem moral. Já “gays” refrata a homofobia institucionalizada, (con)formada por discursos conservadores e religiosos que marginalizam identidades LGBTQIAPN+. Por último, “traficantes” referencia o narcotráfico como sintoma de desigualdades profundas, pobreza urbana e falência de políticas públicas que transformam jovens em inimigos internos em um cenário de guerra às drogas que serve para gerir populações descartáveis no neoliberalismo.

Na relação entre Metalinguística e Criminologia Cultural, percebe-se que esse enunciado é, simultaneamente, ato discursivo e ato cultural: pela linguagem, o locutor constrói fronteiras simbólicas, inferioriza grupos sociais e projeta uma hierarquia em que ele se coloca como portador da violência legítima. O signo ideológico, aqui, condensa essa operação, funcionando tanto como reflexo linguístico de uma realidade (a escola, os colegas) quanto como refração discursiva que os ressignifica em inimigos a serem eliminados. Nesse processo, o discurso é uma performance subcultural que antecipa e legitima possíveis práticas criminais, reforçando laços de coesão na subcultura digital e reproduzindo, ao mesmo tempo, tensões estruturais da modernidade tardia.

Logo, a análise permite perceber que o enunciado publicado no fórum da organização Dogolachan não é um simples insulto ou ameaça isolada: é um ato simbólico carregado de ideologia e emoção que articula linguagem, poder e subcultura. Ele mostra como a violência, antes de ser ação física, é produzida e legitimada discursivamente,

consolidando hierarquias e identidades que ressignificam o crime como espetáculo e como forma de pertencimento.

Quadro 2. Você sabe muito bem o que fazer.

1	E então, vai ficar por isso mesmo, ou vamos parar com essas falácias e começar
2	a agir? Você sabe muito bem o que fazer. E que sua vida vai ter novo significado
3	limpado essa escória, crie coragem! 'Quem sabe se ano que vem' DEIXE DE SER
4	UMA PUTA MEDROSA, TENHA CERTEZA. Nós sabemos que é capaz, vá e
5	honre os verdadeiros homens sanctos, será um herói, será o herói! Estamos esperando...

Fonte: Dogolachan (2025)

Pela abordagem da Metalinguística, esse enunciado opera como uma resposta que refrata o discurso inicial do interlocutor, reposicionando sua hesitação como fraqueza a ser superada. A orientação dialógica não apenas contesta a inação, chamando o interlocutor de “puta medrosa” (linha 3), mas projeta a violência como única via para a autenticidade. O discurso se estrutura em torno de uma tensão ideológica: de um lado, a “escória” a ser eliminada; de outro, os “verdadeiros homens sanctos” (linha 4), símbolo que confere ao locutor inicial o papel de herói potencial. Essa situação, como aponta Volóchinov (2019), depende de um auditório que compartilha signos e valores, o que torna esse enunciado um chamado à ação.

O signo ideológico, nesse caso, atua em dois níveis: reflexo linguístico com significado – o vocabulário ofensivo, “escória” (linha 2) e “puta medrosa” (linha 3), nomeia o “outro” e o próprio locutor inicial, a fim de instituir papéis dentro da interação; refração discursiva com sentidos – esse vocabulário não apenas insulta, mas ressignifica a realidade ao atribuir ao hesitante a responsabilidade de tornar-se herói e ao ato violento a condição de redenção.

A Criminologia Cultural permite perceber que esse enunciado se constitui como rito de passagem simbólico na subcultura. Se o primeiro comentário era hesitante, este segundo tenta se transformar em ação. No nível fenomenológico, percebe-se a mobilização de emoções intensas: humilhação “puta medrosa” (linha 3), coragem “crie coragem” (linha 3), orgulho e promessa de reconhecimento “será um herói” (linha 5). Essa expressão emocional, como destacam Rocha e Silva (2014), é fundamental para a constituição da experiência criminosa, pois organiza a performance e legitima a transgressão como forma de visibilidade.

No nível subcultural, o enunciado cumpre a função de reprodução de normas internas. O “herói sancto” é um símbolo compartilhado, cultivado e reproduzido no fórum digital extremista. Assim, a resposta inscreve o ato do interlocutor em uma tradição, garantindo-lhe pertencimento e reconhecimento. Como observa Rocha (2013), as subculturas delimitam fronteiras e oferecem repertórios estilizados de ação; aqui, esse repertório é a figura do mártir-justiceiro, o sujeito que mata para “purificar” e que, ao fazê-lo, se converte em espetáculo e referência coletiva.

Já no nível estrutural, a resposta reflete que o ato violento é apresentado como solução para a ausência de sentido: “sua vida vai ter novo significado”. Nesse sentido, o enunciado reforça a perspectiva de Khaled Jr., e Dimou (2022), segundo a qual o crime, na contemporaneidade, opera como “vontade de representação”, uma forma de encenação performática que dá ao indivíduo a ilusão de poder e visibilidade em meio à invisibilidade e precariedade.

Essa análise interdisciplinar das abordagens da Metalinguística e da Criminologia Cultural pode ser aprofundada ao examinar signos-palavras materializados no enunciado. Na afirmação “vai ficar por isso mesmo, ou vamos parar com essas falácias e começar a agir?” (linha 1), a palavra “falácias” critica o enunciado anterior, transformando-o em fala vazia, desprovida de eficácia. Do ponto de vista metalinguístico, esse signo funciona como refração da própria prática discursiva: o falar sem agir é construído como fraqueza, em contraste com a coragem de transformar palavras em ato. Do ponto de vista criminológico da cultura, esse movimento marca a transição da fantasia para a performance: o discurso, considerado insuficiente, deve converter-se em prática violenta como única via de autenticidade e pertencimento subcultural.

Outro signo relevante é a afirmação “você sabe muito bem o que fazer” (linhas 1 e 2). Não há necessidade de detalhar o ato esperado, pois o horizonte semântico compartilhado no fórum já supre essa lacuna. Metalinguisticamente, como observa Volóchinov (2019), esse enunciado só se realiza porque pressupõe um auditório. Do ponto de vista da Criminologia Cultural, o signo reforça a coesão subcultural ao indicar que a norma compartilhada é tácita, evidente, dispensando explicações: o verdadeiro membro sabe o que se espera dele.

Ainda mais significativa é a afirmação “sua vida vai ter novo significado limpando essa escória” (linha 2). O signo “novo significado” projeta o ato violento como rito de passagem. A violência aparece como gesto de redenção pessoal. Aqui, a Metalinguística

permite compreender como a refração discursiva ressignifica a experiência individual em heroica: o sentido do “novo significado” oferece ao sujeito um horizonte de reconhecimento. Na Criminologia Cultural, esse mesmo signo traduz a crença da “vontade de representação” (Khaled Jr., Dimou, 2022), em que o crime é encenado como espetáculo capaz de dar visibilidade e valor a quem, fora da subcultura, vivencia invisibilidade e precariedade.

Merece destaque a repetição enfática de “será um herói, será o herói!” (linhas 4 e 5). O signo “herói” é apropriado e ressignificado. Em vez de designar uma figura tradicional de nobreza ou justiça, ele é convertido em símbolo subcultural. Metalinguisticamente, o uso reiterado e intensificado refrata a hesitação inicial, substituindo a dúvida pela certeza de uma identidade glorificada. No plano da Criminologia Cultural, o signo conecta o ato violento à promessa de pertencimento e status dentro da subcultura, funcionando como dispositivo de sedução simbólica: o reconhecimento coletivo só se concretiza através da performance transgressora.

Finalmente, a análise desses signos permite entender que cada palavra escolhida cumpre a função de deslocar a hesitação para a ação, de transformar a dúvida em certeza, de converter o sujeito comum em “herói sancto”. O discurso, portanto, legitima a violência e a investe de sentido, apresentando-a como via de redenção pessoal, reconhecimento coletivo e afirmação subcultural. Logo, a vida, a igualdade e a liberdade, enquanto direitos humanos e fundamentais, são relativizadas como prova de pertencimento e lealdade.

### **Considerações Finais**

A análise dos enunciados do fórum Dogolachan demonstra como a Internet Obscura opera como espaço de circulação de discursos de ódio e de produção de sentidos que tensionam direitos humanos e fundamentais. O direito à vida, à igualdade e à liberdade encontra-se diretamente afrontado, na medida em que esse fórum permite e estrutura práticas de legitimação da violência.

Os dois comentários examinados permitem compreender a presença de relações hierárquicas de poder internas à subcultura digital extremista. No primeiro enunciado, a hesitação se expressa como dúvida que pretende uma legitimação coletiva antes de agir. Já no segundo, observa-se a intervenção de um locutor que, mobilizando signos de

insulto, heroísmo e purificação, ressignifica a hesitação em exigência de performance, reforçando a coesão grupal e a ideologia subcultural da violência.

Do ponto de vista da Metalinguística, foi possível entender que tais enunciados não são expressões individuais isoladas, mas refratam valores que circulam pelo fórum da organização e se constituem por meio da relação dialógica entre sujeitos. Do ponto de vista da Criminologia Cultural, verificou-se que o crime – em especial o de incitar o terrorismo em ambiente escolar – é simbolizado como ato de performance subcultural, investido de sentidos afetivos e simbólicos que o projetam como rito de passagem, espetáculo e forma de reconhecimento. A violência apresentada oferece o status de justiciero-mártir, um lugar de visibilidade e prestígio dentro do grupo.

Conclui-se, portanto, que fóruns da Internet Obscura, como o Dogolachan, funcionam como espaços de discursos radicais e de socialização, em que a linguagem atua como dispositivo de incitação, pertencimento e legitimação. A análise demonstra que compreender esses fenômenos exige reconhecer a linguagem como prática social atravessada por relações de poder e por dinâmicas subculturais que tornam o crime signo de poder e identidade.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018 [1929].
- BERNARDO, André. Massacre de Realengo: os 10 anos do ataque a escola que deixou 12 mortos e chocou o Brasil, *BBC News Brasil*, abr. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419>. Acesso em: 24 ago. 2025.
- KHALED JR., Salah; DIMOU, Eleni. Da criminologia crítica à criminologia cultural: explorando novas avenidas de investigação para o desenvolvimento da criminologia crítica brasileira. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, n. 193, 2022. Disponível em: <https://www.publicacoes.ibccrim.org.br/index.php/RBCCRIM/article/view/200>. Acesso em: 24 ago. 2025.
- GAMA, Guilherme. Aluna que presenciou atentado em escola de Suzano (SP) será indenizada. *CNN Brasil*, jul. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/sp/aluna-que-presenciou-atentado-em-escola-de-suzano-sp-sera-indenizada/>. Acesso em: 24 ago. 2025.
- GUARESQUI, Álvaro. Ex-aluno que invadiu escola em Vitória e o pai são indiciados. *G1 Globo*, set. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2022/09/29/ex-aluno-que-invadiu-escola-em-vitoria-e-o-pai-sao-indiciados.ghtml>. Acesso em: 24 ago. 2025.

- FILHO, Herculano Barreto. Aracruz: rapaz que matou 4 e feriu 12 é sentenciado a 3 anos de internação. *Uol*, jul. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/12/07/aracruz-sentenca-adolescente-4-mortos-escolas-internacao-3-anos.htm>. Acesso em: 24 ago. 2025.
- JAKUBOWICZ, Andrew. Alt-right White Lite: trolling, hate speech and cyberracism on social media. *Cosmopolitan Civil Societies: an Interdisciplinary Journal*, v. 9, n. 3, 2017. Disponível em: <https://search.informit.org/doi/epdf/10.3316/informit.309784538174296>. Acesso em: 24 ago. 2025.
- JANI et al. Hidden Networks: A Comprehensive Study of Dark Web Dynamics. *International Journal of Innovative Research in Computer and Communication Engineering*, v. 12, n. 10, 2024. DOI: <http://10.15680/IJIRCCE.2024.1210008>. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/publication/384738181\\_Hidden\\_Networks\\_A\\_Comprehensive\\_Study\\_of\\_Dark\\_Web\\_Dynamics](https://www.researchgate.net/publication/384738181_Hidden_Networks_A_Comprehensive_Study_of_Dark_Web_Dynamics). Acesso em: 24 ago. 2025.
- JARDINE, Eric. Online content moderation and the Dark Web: Policy responses to radicalizing hate speech and malicious content on the Darknet. *First Monday*, v. 24, n. 12, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5210/fm.v24i12.10266>. Disponível em: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/10266>. Acesso em: 24 ago. 2025.
- KAUR et al. The dark web: A hidden menace or a tool for privacy protection. *IP International Journal of Forensic Medicine and Toxicological Sciences*, v. 8, n.4, 2023. DOI: <https://doi.org/10.18231/j.ijfmts.2023.034>. Disponível em: <https://ijfmts.com/archive/volume/8/issue/4/article/2352#article>. Acesso em: 24 ago. 2025.
- KHALED JR., Salah; LINCK, José Antônio Gerzon; CARVALHO, Salo de. A criminologia cultural e a sua recepção no Brasil: relato parcial de uma história por ser escrita. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, v. 193, n. 193, 2022. Disponível em: <https://www.publicacoes.ibccrim.org.br/index.php/RBCCRIM/article/view/223>. Acesso em: 24 ago. 2025.
- MEDVIÉDEV, Pável. *O método formal nos estudos literários*: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Américo. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016 [1928].
- PATRIARCA, Paola. Após ataque com morte, aulas em escola da Zona Leste de SP retomam com atividades de acolhimento, psicólogos e vigilante. *G1 Globo*, nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/11/06/apos-ataque-com-morte-aulas-em-escola-da-zona-leste-de-sp-retomam-com-atividades-de-acolhimento-psicologos-e-vigilante.ghtml>. Acesso em: 24 ago. 2025.
- ROCHA, Álvaro Oxley da. Crime e controle da criminalidade no Brasil: as contribuições da criminologia cultural ao debate. *Confluências: Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*, v. 15, n. 2, 2013. Disponível em: [https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/11221/2/Crime\\_e\\_controle\\_da\\_criminalidade\\_no\\_Brasil\\_as\\_contribuicoes\\_da\\_Criminologia\\_Cultural\\_no\\_debate.pdf](https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/11221/2/Crime_e_controle_da_criminalidade_no_Brasil_as_contribuicoes_da_Criminologia_Cultural_no_debate.pdf). Acesso em: 24 ago. 2025.
- ROCHA, Álvaro Oxley da; SILVA, Simone Schuck. da. A dinâmica emocional do desvio: uma análise em criminologia cultural. *Revista do CEJUR/TJSC*, v. 1, n. 2, p. 265–283,

2014. Disponível em:  
[https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/11225/2/A\\_Dinamica\\_Emocional\\_do\\_Desvio\\_uma\\_analise\\_em\\_criminologia\\_cultural.pdf](https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/11225/2/A_Dinamica_Emocional_do_Desvio_uma_analise_em_criminologia_cultural.pdf). Acesso em: 24 ago. 2025.
- RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. *Racismo, segregação e morte: análise dialógica do discurso das organizações Ku Klux Klan e White Lives Matter em mídias digitais*. 2023a. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2023a. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/3d820364b0f22760876025fab7fa0ca.e.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2025.
- RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. No submundo do terror e da conspiração no Telegram: a construção estilística do discurso de membros-integrantes da organização Dogolachan. *Revista Heterotópica*, v. 5, n. 1, 2023b. DOI: <https://doi.org/10.14393/HTP-v5n1-2023-68020>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/68020>. Acesso em: 24 ago. 2025.
- RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. Exposição de dados íntimos para a humilhação: uma abordagem dialógico-discursiva para um comentário do subfórum /55chan/, do EndChan. *Diálogo das Letras*, v. 13, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22297/2316-17952024v13e02422>. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/6102>. Acesso em: 24 ago. 2025.
- RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. O renascimento do Dogolachan na Deep Web: apologia e incentivo ao estupro e ao terrorismo em comentários pelo viés da Análise Dialógica do Discurso e da Criminologia Cultural. *Linha D'Água*, USP, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 424-444, 2025. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v38i2p424-444>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/234187>. Acesso em: 8 dez. 2025.
- SCOTT, Carolina. Saiba o estado de saúde das vítimas do ataque em escola do RS. *ND+*, jul. 2025. Disponível em: <https://ndmais.com.br/seguranca/como-estao-as-vitimas-do-ataque-em-escola-em-estacao-rs/>. Acesso em: 24 ago. 2025.
- VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].
- VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.